

Pensando a Operação Historiográfica na História da Educação

Anna Paula Ferreira de Melo

Resumo

O presente artigo objetiva apresentar pressupostos que se mostrem relevantes para orientar a produção historiográfica em pesquisas que tenham a intenção de contribuir com a História da Educação. Na busca por compreender o que faz o historiador da educação ao “fazer a história da educação” recorreremos ao conceito de operação historiográfica apresentado na obra do historiador francês Michel de Certeau. Nesse contexto e considerando as articulações entre o lugar social e o discurso histórico o texto discute a até que ponto as dimensões objetivas e subjetivas da realidade na qual o historiador está inserido, aliadas as experiências que ele consegue construir ao longo do processo de pesquisa, interferem na qualidade de suas narrativas. O percurso metodológico priorizou por uma abordagem qualitativa, seguida de revisão bibliográfica.

Palavras-chave: história da educação, historiografia, historiografia da educação

Introdução

“Sem a reflexão crítica sobre a arte da narrativa não há ciência possível na historiografia” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2019).

O que fabrica o historiador quando faz história? Para quem trabalha? O que produz? É com essas perguntas que o historiador Michel de Certeau (2010) inicia a discussão sobre aquilo que designou de “operação historiográfica”, em sua obra “A escrita da história”. Tais indagações também são comumente feitas quando estamos diante do desenvolvimento de uma produção acadêmica de cunho histórico em busca de se compreender o ofício do historiador e a utilidade desse tipo de pesquisa.

Ao buscar responder tais questionamentos, Certeau destaca que a “operação historiográfica se refere a combinação entre o lugar social, práticas científicas e a escrita.” (CERTEAU, 2010, p.66), como lugar social, é possível entender o lugar de produção socioeconômico, político e cultural em função do qual se instauram os métodos, os temas, os interesses, e as questões da pesquisa. O fazer história é ainda uma prática científica, à medida que o historiador também precisará seguir as regras da ciência e da academia na

produção de seu trabalho, entrecruzando e analisando as fontes para que produzam sentido. Quanto a escrita da história ela funciona como um espelho da realidade, criando relatos do passado com a responsabilidade de contar como as coisas se passaram a partir do que foi possível ao historiador ter acesso por meio das fontes de que pode dispor.

Assim sendo, a pesquisa histórica não consegue permanecer isenta a interferências externas, sejam elas políticas ou socioeconômicas. E são estas interferências que acabam por instaurar métodos e definir também para o historiador o que pode ser considerado como parte do seu campo de interesse. Tomando essa configuração como porto de partida percebe-se que a experiência histórica do historiador, aqui entendida como tudo que ele pode aprender em sua vida, em suas leituras e em sua convivência com outras pesquisas e outros pesquisadores, incide de forma indelével sobre essa “operação”. E dessa forma, a historiografia se constitui como um processo que, em suas multiplicidades, busca reconstituir não a verdade real mas sim versões do passado sobre uma realidade vivida, interligando momentos do passado e presente, por meio de uma narrativa permeada por representações.

É também nas respostas as indagações feitas logo no início desse texto que se apoia o desejo de todos que se dedicam a produção e difusão da pesquisa histórica. Um desejo de estudar a humanidade num dado tempo e espaço e que seus estudos resultem numa articulação capaz de conectar “os acontecimentos passados com a atualidade” (LEÃO, 2007. p. 13) de forma inteligível para aqueles que lhes são contemporâneos, possibilitando-lhes compreender a si mesmos, de forma que essa compreensão repercuta em um melhor entendimento do presente e numa melhoria da convivência em sociedade.

Partindo desse entendimento, o presente artigo objetiva apresentar pressupostos que se mostrem relevantes para orientar a produção historiográfica em pesquisas que tenham a intenção de contribuir com a História da educação. Nesse contexto busca-se trazer reflexões acerca da importância da historiografia para a pesquisa histórica, mais especificamente no que se refere as pesquisas no campo da História da Educação, partindo do entendimento de que a qualidade das narrativas apresentadas pelo historiador da educação advém das dimensões objetivas e subjetivas da realidade na qual ele se insere aliada as experiências que consegue construir ao longo do processo.

Com relação a metodologia priorizou-se por realizar uma revisão de literatura buscando-se conhecer estudos relevantes sobre o tema, bem como autores que se

dediquem ao assunto em suas mais diversas concepções, para tanto procuramos analisar qualitativamente as produções no que se refere aos objetos selecionados, o referencial teórico, a metodologia e as fontes utilizadas. A seleção das produções a serem analisadas deu-se mediante busca criteriosa no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, separando-se o material de acordo com a abrangência do tema, buscando identificar, analisar e apropriar-se dos componentes necessários a produção do presente artigo.

Historiografia e Historiografia da Educação

“É o olhar que faz a História. No coração de qualquer relato histórico há a vontade de saber”
(PERROT, 2019).

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: Historiografia. [Do gr. Historiographía.]. 1. Arte de escrever a história... 2. Estudo histórico e crítico acerca da história ou dos historiadores. Em conformidade com esses conceitos é possível conceber o termo historiografia como algo que nos remete a ideia do estudo de como a História é ou foi escrita. O vocábulo costuma ser usado, em linhas gerais, para designar o conhecimento historiográfico construído com base no uso de métodos e teorias alicerçadas nas concepções e tendências incidentes no fazer científico do historiador. Nesse sentido Jacques Le Goff (2003) afirma que:

É oportuno esclarecer que a historiografia é concebida por nós como um ramo da ciência da história que estuda a evolução da própria ciência histórica no interior do desenvolvimento histórico global, ou seja, a historiografia é a história da história (LE GOFF, 2003, p. 28)

Nesse sentido estaria o fazer historiográfico situado num espaço intermediário, entre linguagem do passado e do presente, com a responsabilidade de articular a escrita e a história. Considerando, ainda que essa escrita, assim como a nossa compreensão histórica, não é imutável, e encontra-se sujeita a constantes transformações, a partir das quais surgem novas e diferentes maneiras de se abordar temas supostamente já definidos, dando-lhes sempre uma nova roupagem. Esse entendimento supera a ideia positivista de que ao escrever a História o historiador estaria reconstituindo a verdade e, portanto, não lhe caberia se envolver com o objeto investigado e nem buscar interpretá-lo, devendo apenas relacionar, observar e explicar uma dada realidade através da seleção de fatos bem

respaldados por documentos, com a função de registrar os acontecimentos para serem conhecidos pelas futuras gerações.

Numa visão contemporânea, defende-se que, ao investigar e interpretar os vestígios que nos foram deixados do passado o historiador usa os olhos do presente para responder as questões de pesquisa, dessa forma nenhum pesquisador é neutro e, muito menos, o conhecimento produzido por ele será dotado de neutralidade, pois, virá sempre permeado de considerações baseadas na sua história de vida e nas questões de seu tempo, e assim chegará a uma verdade presumida, sempre sujeita a novos questionamentos e com espaço para o surgimento de novas pesquisas que permitam revisar e reinterpretar um mesmo tema diversas vezes, ou seja, é o olhar do historiador que vai fazer conduzir o fazer historiográfico.

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto (CERTEAU, 2010, p.81).

Isso não significa dizer que ao escrever a história o historiador não seguirá as regras da ciência e da academia, do contrário, no exercício de seu ofício, seja realizando pesquisas em arquivos, selecionando, interrogando, entrecruzando, analisando as fontes e transformando-as em documentos que produzem sentido, ele estará sempre se utilizando de técnicas de produção e procedimentos de pesquisa específicos da prática científica para legitimar seu trabalho. Isso porque, conforme Certeau evidencia em sua obra, “a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas científicas e de uma escrita” (CERTEAU, 2010, p.66).

É esse lugar social trazido por Certeau, que implica na articulação do fazer historiográfico com a instauração de métodos e a delimitação de temas e interesses ligados a um lugar de produção socioeconômico, político e cultural em função do qual ela estará submetida a permissões e proibições. Nesse contexto, é o lugar social que vai tornar possível ou não a realização de determinada pesquisa, apontando quais tendências já foram esquecidas e quais se mostram aptas para novas produções historiográficas.

Nesse processo a historiografia aparece em constante transformação e tem o papel fundamental de tornar acessível ao pesquisador o conhecimento de diferentes abordagens já utilizadas na escrita de determinada pesquisa histórica, e assim partindo do

entendimento de que o passado não está imune a revisões, possibilita o surgimento de novas interpretações e novas teorias. Assim:

Tudo o que foi, um dia contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontecerá terá no futuro, várias versões narrativas. [...] reescrita da História, pois a cada geração se revisam interpretações. [...] a História trabalha com a mudança no tempo, e pensar que isso não se dê no plano da escrita sobre o passado implicaria negar pressupostos. (Pesavento, 2007, p. 16)

Evidentemente, esse não é um trabalho que o pesquisador possa fazer sozinho, conforme aponta Albuquerque Junior (2019) “um historiador sozinho não tece um amanhã”. Utilizando-se dessa metáfora o referido autor em seu livro, “O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades”, busca, explicar a importância da historiografia para a pesquisa histórica, comparando o trabalho do historiador ao de um artesão.

[...]a história nasce como este trabalho artesanal, paciente, metucioso, diuturno, solitário, infundável que se faz sobre os restos, sobre os rastros, sobre os monumentos que nos legaram os homens que nos antecederam que, como esfinges, pedem deciframento, solicitam compreensão e sentido (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 30).

Nesse sentido defende a importância da historiografia, do conhecimento de uma grande quantidade de outros estudos já realizados sobre o tema, para que o historiador consiga realizar seu trabalho, formular suas conclusões, articular suas descobertas e desenvolver novas teorias. Pois assim como o artesão em seu ofício o historiador necessita analisar paciente e metuciosamente suas fontes, decifrá-las e organizá-las sistematicamente, como se fossem fios de um mesmo bordado, transformando tudo em um produto final inteligível em sua inteireza, onde as partes se apresentem perfeitamente conectadas.

Seguindo mesma linha de entendimento e com o propósito de exemplificar de forma didática como a historiografia determina e ao mesmo tempo é determinante em uma pesquisa historiográfica, recorreremos também ao uso da analogia, para trazer à baila o filme “Narradores de Jave”, destacando o personagem Biá como a representação do historiador, a quem é atribuída a responsabilidade de escrever a história oficial de uma cidade, assumindo um compromisso com a verdade dos fatos históricos para dar-lhes um tratamento científico, de maneira que possa ser reconhecida como uma “obra de valor” e assim salvar a cidade da destruição. Logo de início já é possível identificar a presença dos três elementos destacados por Certeau quando analisa a operação historiográfica, uma

vez que a validação da história daquela cidade estava condicionada a uma escrita que obedecesse uma prática científica a qual encontrava-se definida pelo lugar social, evidenciando o poderio dos arranjos políticos e socioeconômicos em detrimento dos saberes dos homens simples do lugar.

Um dos grandes desafios encontrados pelo personagem está na ausência de uma historiografia anterior, uma vez que ninguém nunca escreveu sobre o tema e assim a pesquisa terá que se fundamentar basicamente em fontes orais, representadas pelos relatos dos moradores, os quais aparecem sempre cercados das emoções individuais de cada um, sendo um mesmo fato narrados em diferentes versões. Percebe-se também que o próprio Biá, constantemente interfere nas narrativas, interpretando-as de acordo com sua filosofia pessoal, assim como é comum aos historiadores. Por fim a não escrita do livro ao final da trama, demonstra a importância de o trabalho do historiador está inserido no campo de interesse de outros historiadores e o quanto a ausência de uma historiografia anterior dificulta e até impossibilita a realização da pesquisa histórica.

Mas e quando se fala especificamente da historiografia da educação, até que ponto é possível considerar que recaem sobre ela as mesmas observações feitas até aqui em relação à historiografia? A historiografia da educação praticamente reproduz as características da produção historiográfica, com a particularidade de ter por objeto de investigação as produções históricas que se dedicam ao estudo da História da Educação considerada em seus mais diversos aspectos e possibilidades de objetos de estudo, afinal, seja dentro ou fora da escola, da educação ninguém escapa, e assim todos tem uma memória e uma história ligada a educação que pode ser reconstituída pelo ofício do historiador educacional, com responsabilidade e criatividade.

E assim trazendo à baila novamente a ideia da metáfora para explicar o ofício do historiador da educação, pode-se dizer que ele pode ser visto como “aquele que traz para nossos lábios a possibilidade de experimentarmos, mesmo que diferencialmente, os sabores, saberes e odores de outras gentes, de outros lugares, de outras formas de vida social e cultural” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 32).

É na “operação” utilizada para a escrita dessas histórias, no fazer historiográfico, que a historiografia da educação tem um lugar fundamental, permitindo investigações comparadas, diálogo entre pesquisas e pesquisadores, questionamentos de interpretações instituídas e até suas revisões e deslocamentos, dando origem a novas produções acadêmicas no campo da História da Educação.

Nessa perspectiva é imprescindível ressaltar que a historiografia da educação está presente na pesquisa em História da Educação desde a escolha do objeto de estudo, passando pela forma de escrever, interpretar e abordar do tema. Serve também de fonte para que possa interagir e dialogar com diferentes abordagens já utilizadas, permitindo-lhe assim uma maior compreensão do objeto estudado e por conseguinte um maior aprofundamento em sua pesquisa. Sendo ainda presença constante durante toda a dinâmica de construção e amadurecimento da pesquisa, até culminar na forma como o historiador da educação reunirá seus resultados, conectando passado e presente em sua própria construção historiográfica, a qual tem a pretensão de se mostrar útil ao presente e que continue sujeita a questionamentos futuros.

Considerações Finais

O conceito de operação historiográfica, originalmente proposto por Michel de Certeau é uma referência para todos aqueles que discutem as temáticas da historiografia e do ofício do historiador, sua utilização no presente estudo nos permitiu aprofundar o debate sobre o termo historiografia e entender seu conceito de uma maneira mais abrangente, possibilitando então articular esse conceito em torno da importância da historiografia da educação para a produção no campo da História da Educação. Nesse contexto a historiografia da educação pode ser encarada como a própria operação na qual consiste a construção do conhecimento histórico constituída pela articulação de três elementos: lugar social, práticas científicas, e a construção do texto, conforme afirma Certeau. Destacando-se ainda como lugares de fala do historiador da educação os programas de Pós-Graduação, grupos de estudo e de trabalho, eventos acadêmicos e revistas científicas.

Não menos importante para a melhor compreensão dos assuntos aqui abordados destacam-se também as metáforas usadas por Durval Muniz Albuquerque Junior, em sua obra “O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades”, para explicar o ofício do historiador, as quais possibilitaram a ampliação da visão da produção histórica para outras perspectivas que venham dar novos usos e sentidos ao passado, o que no caso do historiador da educação implica o desenvolvimento de um saber fazer

específico em tratar historicamente temas relacionados a educação e partindo daí juntar as tramas e compor o bordado que no caso consistirá na narrativa da história da educação.

Assim considera-se que em seu trabalho o historiador da educação precisa construir uma versão interpretativa dos fatos que apesar de baseada em certezas provisórias sejam capazes de estabelecer relações de verossimilhança. Nesse jogo entre passado-presente o historiador da educação precisa construir uma narrativa histórica da educação com questões de pesquisa possíveis de serem respondidas no tempo presente.

Nesse contexto percebe-se que a historiografia da educação mostra-se relevante para despertar a reflexão no campo das pesquisas com enfoque na História da Educação, em qualquer que seja a linha de investigação escolhida, diversificando, multiplicando e refletindo sobre os acontecimentos já narrados.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades. *In*: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história**. São Paulo: Intermeios, 2019.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. *In*: CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, [s/d].

LEÃO, Andréa Borges. **Nobert Elias & a Educação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007

LE GOFF, Jacques. Memória. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003

NARRADORES de Javé. Direção: de Eliane Caffé. Roteiro: Eliane Caffé e Luiz Alberto de Abreu. Produção: Vânia Catani. [S. l.: s. n.]: 2002. 1 vídeo (102 min.). Disponível em: [youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8](https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8). Acesso em: 20 abr. 2022.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.